

# Cora Coralina – Estória do aparelho azul-pombinho

Minha bisavó – que Deus a tenha em bom lugar –  
inspirada no passado  
sempre tinha o que contar.  
Velhas tradições. Casos de assombração.  
Costumes antigos. Usanças de outros tempos.  
Cenas da escravidão.  
Cronologia superada  
onde havia bangüês.  
Mucamas e cadeirinhas.  
Rodas e teares. Ouro em profusão,  
posto a secar em couro de boi.  
Crioulinho vigiando de vara na mão  
pra galinha não ciscar.  
Romanceiro. Estórias avoengas...  
Por sinal que uma delas embalou minha infância.

Era a estória de um aparelho de jantar  
que tinha sido encomendado de Goiás  
através de uma rede de correspondentes  
como era norma, naquele tempo.  
Encomenda levada numa carta  
em nobre estilo amistoso-comercial.  
Bem notada. Fechada com obreia preta.

Carta que foi entregue de mão própria  
ao correspondente na Corte  
que tinha morada e loja de ferragem  
na Rua do Sabão.  
O considerado lusitano – metódico e pontual –,  
o passou para Lisboa.  
Lisboa passou para Luanda.  
Luanda no usual  
passou para Macau.

Macau se entendeu com mercadores chineses.

E um fabricante-loiceiro,  
artesão de Cantão,  
laborou o prodígio (no dizer de minha bisavó).

Um aparelho de jantar – 92 peças.  
Enorme. Pesado, lendário.  
Pintado, estoriado, versejado,  
de loiça azul-pombinho.  
Encomenda de um senhor cônego  
de Goiás  
para o casamento de seu sobrinho e afilhado  
com uma filha de minha bisavó.

O cônego-tio e padrinho  
pelo visto, relatado,  
fazia gosto naquele matrimônio.  
E o aparelho era para as bodas contratadas.  
Um carro de boi –  
15 juntas, 30 bois –  
bem fornido e rejuntado  
para viagem longa,  
partiu de Goiás, no século passado,  
do meado, pouco mais.  
Levava seis escravos escolhidos  
e um feitor de confiança.  
Mantimentos para a viagem.  
E mais, oitavas de ouro,  
disfarçadas no fundo de um berrante,  
para os imprevistos da delonga.

E o antigo carro  
por ano e meio quase  
rodou, sulcou, cantou e levantou poeira  
rechinando  
por caminhos e atalhos,  
vilas e cidades, campos, sarobais.

Atravessou rios em balsas.  
Vadeou lameiros, tremedais.  
Varou Goiás – fim de mundo.  
Cortou o sertão de Minas.  
O planalto de São Paulo.

Foi receber o aparelho e mais sedas e xailes-da-índia  
em Caçapava –  
ponta dos trilhos da Dão Pedro Segundo –  
ali por volta de 1860 e tantos.  
Durou essa viagem, ir e voltar,  
dezesseis meses e vinte e dois dias.  
– As bodas em suspenso.

Enquanto se esperava, escravas de dentro  
fiavam na roda e urdiam no tear.  
Mucamas compenetradas, mestreadas por rica-dona,  
sentadas nas esteiras, nos estrados de costura,  
desfiavam, bordavam, crivavam,  
repolegavam  
o bragal de minha avó.  
Sinhazinha de catorze anos – fermosura.  
Prendada. Faceira.  
Muito certa na Doutrina.  
Entendida do governo de uma casa  
e analfabeta.  
Diziam os antigos educadores:  
“– Mulher saber ler e escrever não é virtude”.

Afinal, muito esperado,  
chegou a Goiás, sem novidades ou peça quebrada,  
o aparelho encomendado  
através de uma rede de correspondentes.  
Embarcado num veleiro,  
no porto de Macau.

As bodas marcadas  
se fizeram com aparato.

Fartas comezainas.  
Vinho do Espinho – Portugal –  
da parte do correspondente.  
Aparelhos de loiça da China.  
Faqueiros e salvas de prata  
Compoteiras e copos de cristal.  
Na sobremesa minha bisavó exultava...  
Figurava uma pinha de iludição.

Toda ela de cartuchos de papel verde calandrado,  
cheios de confeitos de ouro em filigrana.  
Mimo aos convidados graduados:  
Governador da Província,  
Cônegos, Monsenhores, Padres-Mestres,  
Capitão-Mor.  
Brigadeiros. Comendadores.  
Juizes e Provedores.  
Muita pompa e toda parentela.  
Por amor e grandeza desse fasto  
– casamento da sinhazinha Honória  
com o sinhô-moço Joaquim Luís –  
dois velhos escravos, já pintando,  
receberam chorando  
suas cartas de alforria.

Ficou mais, assentado e prometido  
em palavra de rei testemunhado,  
que o crioulinho  
que viesse ao mundo  
com o primogênito do casal  
seria forro sem tardança na pia batismal.

E se criaria em regalia  
com o senhorzinho,  
nato fosse ele, em hora e dia.

Um rebento do casal veio ao mundo  
no fim de nove meses.

e na senzala do quintal  
nascia de uma escrava  
um crioulinho.  
Conforme o prometido – libertado  
alforriado  
na pia batismal.

(Na pia batismal, era, naquele tempo,  
forma legal e usual de se alforriar um escravo).  
Toda essa estória  
por via de um aparelho de loiça da China,  
destinado a Goiás.  
Laborado de um oleiro, loiceiro de Cantão.  
Embarcado num veleiro  
no porto de Macau.

Cartas com obreias.  
Correspondentes antigos.  
Cartuchos de confeitos de ouro.  
Alforrias de escravos.  
Bodas de meu avô.  
Bragal da minha avó.  
Roda e tear, marafundas e repolegos.  
Coisas do passado...  
E – dizia minha bisavó –  
tudo se deu como o contado.

**Cora Coralina, Melhores Poemas, Seleção Darcy França Denófrío**